

HERESIAS EUCARÍSTICAS

OS AVISOS DE FÁTIMA

**Extrato de uma alocução proferida pela Cornelia Ferreira na nossa Conferência
Só o Papa pode salvar Washington, de 22 a 24 de Setembro de 2015**

por Cornelia R. Ferreira, M.Sc.

O Anjo da Guarda de Portugal tinha na mão um cálice, sobre o qual estava suspensa uma Hóstia, da qual caíam algumas gotas de Sangue dentro do cálice. Deixando o cálice suspenso no ar, o Anjo ensinou esta oração aos Pastorinhos:

“Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, adoro-Vos profundamente e ofereço-Vos o Preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E, pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores.”

Depois o Anjo deu a Sagrada Hóstia à Lúcia. Repartiu o Precioso Sangue do cálice pela Jacinta e o Francisco, dizendo: “Tomai e bebei o Corpo e Sangue de Jesus Cristo, horrivelmente ultrajado pelos homens ingratos! Reparai os seus *crimes* e consolai o vosso Deus.”

Os pontos principais focados pelo Anjo são:

- Primeiro, o essencial ensinamento católico de que Jesus Cristo está fisicamente presente, em ambas as naturezas, tanto humana como divina – Corpo e Sangue, Alma e Divindade – sob as espécies do pão e do vinho, depois da Consagração na Santa Missa e nas Hóstias consagradas guardadas em cada sacrário.
- Segundo, a *falta* de fé nesta doutrina provoca indiferença para com Jesus no Santíssimo Sacramento, e cometem-se sacrilégios contra Ele tanto na Sagrada Comunhão como no sacrário.
- Terceiro, Deus está tão ofendido que teve de enviar um Anjo para nos ensinar a fazer-Lhe reparação. (Depois, enviou até Sua Mãe, para nos advertir ainda mais).

Estamos a viver claramente nos tempos da profecia. Comunistas infiltrados, ajudados pelos modernistas, têm vindo a espalhar a religião do homem dentro do

Catolicismo. Consideremos alguns dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças que isto tem provocado na maioria das paróquias...

O facto de se ter afastado o sacrário do seu lugar central de honra, conduziu inevitavelmente à perda do sentido do sagrado. Os nossos olhos, espírito e coração já não podiam dirigir-se em direção ao nosso Rei e, automaticamente, Ele sofreu uma perda de prestígio.

Será por acaso que, juntamente com o afastamento do sacrário, se tivesse deixado de ensinar às crianças como se devem portar na igreja, que o vestir-se com modéstia tivesse desaparecido, e também a genuflexão, o silêncio, o recolhimento e o temor de Deus? O centro do culto acabou inevitavelmente por ser a “comunidade”, e os membros da comunidade a ‘rodopiarem’ dentro do santuário exercendo “protagonismo”. Os ultrajes multiplicaram-se enquanto a Igreja se converteu num lugar de encontro barulhento e, às vezes também, num teatro onde se representam liturgias blasfemas, com música muito alto, teatro e dança profanos como partes integrantes do divertimento litúrgico. Boletins que explicam o papel dos diferentes intérpretes e o aplauso que lhe é dirigido completam a sensação de ser um espetáculo. A propósito, a Sagrada Congregação para o Culto Divino afirmou, em 1975, que a dança litúrgica “dessacralizaria” a liturgia e “introduziria um ambiente profano”. Mas hoje as regras já não importam, especialmente depois do exemplo dado pelo Papa João Paulo II. Portanto, as Missas variam na sua “criatividade” segundo o celebrante, a ocasião, ou a comunidade.

Além disso, com Jesus sendo substituído pelo homem, abandonaram-se a Exposição do Santíssimo Sacramento, a Bênção, a Devoção das Quarenta Horas, a Adoração Perpétua, as procissões de Corpus Christi, etc.



Até os bebés se juntaram à procissão

Jesus tornou-Se objeto de uma indiferença colossal, como foi profetizado em Fátima. Já não se incentivam as visitas ao Santíssimo Sacramento, daí resultando a perda de muitas graças e luzes. Igrejas fechadas desencorajam as visitas, e dão às novas gerações a impressão de que a igreja é só um lugar para o culto *em comum* ou para reuniões. Tão morta está a crença de que é a Casa de Deus onde Ele está realmente presente que agora nas igrejas Católicas até se realizam falsos rituais pagãos. A transformação da Casa de Deus num templo de idolatria onde se viola o Primeiro Mandamento da Lei de Deus é, decerto, um dos ultrajes mencionados pelo Anjo de Fátima. Além disso, a Missa com rituais falsos nela inseridos e celebrada num campo ou num estádio é um pecado grave, ainda pior, contra o Primeiro Mandamento, e um enorme ultraje contra Deus...

A ênfase que se dá à Santa Missa como uma refeição é vista como *crucial* para efetuar o sentido da unicidade e da comunidade na paróquia. Um opúsculo a que foi concedido o Imprimatur pelo Arcebispo Dermot Ryan, antigo Primaz da Irlanda, ensina: “Quando assistimos à Missa temos de nos centrar no povo.” A Eucaristia é “uma verdadeira refeição do um com o outro.” A refeição familiar em casa é “uma das melhores formas de preparação para a Eucaristia.”

Leigos que dão as boas-vindas à porta, o sinal da paz, e os fiéis a saudarem- se uns aos outros durante a Missa, completam o ambiente de uma amistosa refeição comunitária. Todo o foco central da Missa se converteu numa *comemoração* do Sacrifício de Cristo na Cruz e num memorial da Última Ceia, em lugar de ser o verdadeiro Sacrifício que se renova sobre o altar. São heresias protestantes, condenadas pelo Concílio de Trento:

“Se alguém disser que na Missa não se oferece a Deus um verdadeiro... sacrifício; ou que o oferecer-se este não é mais do que daremos Cristo a comer; se alguém disser que o sacrifício é... uma mera comemoração do Sacrifício consumado na Cruz, que não é propiciatório [nem de petição]... seja excomungado.”

Pio XII também condenou “a pretensão sofista de que a Missa, além de ser um Sacrifício, é também um banquete de uma comunidade de irmãos” – e que só pode ser lícita se os fiéis recebem a Comunhão, “considerada como o ponto culminante de toda a celebração.” Este erro produziu a ideia de que a Comunhão é um direito, e por isso há um conluio a favor de que os Católicos divorciados e novamente casados recebam a Comunhão, para mostrarem a sua “união” com a comunidade...

Centralizados na comunidade e no banquete, hoje toda a participação significa aceitar a “chamada” para desempenhar um “papel de liderança” na festa. É isto o que significa ser “ministro litúrgico” – leitor, cantor, ministro da música, orientador da liturgia, ministro da Eucaristia, ministro do cálice – e agora, suponho eu, ministros da dança. Há também os “ministérios” menores, como o dos porteiros que dão as boas-vindas, o dos guardiões da sala, etc.

No domingo passado, recebi este boletim numa igreja vizinha. Tem na capa uma secção intitulada “Ministérios”. Dá uma lista de 30 variedades, mas há muitas mais.

Qualquer coisa que um leigo faça na paróquia é um “ministério”. Muita gente *boa* tem sido induzida a acreditar que deve exercer um “ministério” para bem servir a Igreja. Acreditam piamente que estão a ajudar a remediar uma escassez de padres ou a aliviar o padre, tirando-lhe dos ombros o peso de algum dos seus cargos.

Infelizmente, por muito altruístas que sejam as suas intenções, essas pessoas estão simplesmente a ajudar o programa *feminista* dos Modernistas, de utilizar uma multiplicidade de ministros leigos para destruir o sacerdócio ordenado e a identidade da própria Igreja. Falarei disto daqui a instantes. Mas primeiro, consideremos outra grande fonte de ultrajes contra a Santa Eucaristia – a Comunhão na mão.

A Comunhão na Mão

A Comunhão na mão contradiz o ensino da Igreja enunciado por São Tomás de Aquino: “Por reverência para com este Sacramento, que nada Lhe toque senão o que é consagrado.” Somente as mãos do sacerdote estão consagradas. A comunhão na mão foi já condenada no Século VII, para deter abusos espalhados e proteger do sacrilégio o Santíssimo Sacramento. No entanto, os protestantes adotaram esta prática “para manifestar a sua incredulidade, ou seja, que não existe nenhum fenómeno de Transubstanciação nem as Ordens Sacras, e que o pão consagrado é apenas pão, e o ministro é um homem como outro qualquer, sem poder dado por Deus para consagrar.”

A Comunhão na mão deu origem a uma plethora de sacrilégios e heresias. Primeiro, vem a *justificação* da existência de ministros leigos da Eucaristia, incluindo freiras. Se um leigo pudesse *receber* a Comunhão nas suas mãos não consagradas, ele poderia então dá-la aos outros. Isto diminui imediatamente a reverência para com o Santíssimo Sacramento e outros sacrilégios se lhe seguiram: Hóstias consagradas deixadas nos bancos, às vezes em pedaços; Hóstias levadas nos bolsos; passadas na aula; caídas nas ruas; vendidas no e-Bay; e facilmente conseguidas para a derradeira profanação em Missas Negras.

O segundo resultado da Comunhão na mão é que, como os ministros leigos da Eucaristia passaram a ser a norma, abriram-se as comportas a uma torrente de outros “ministérios” litúrgicos que contribuiram para a degradação do Sacerdócio e para outras heresias. Estes “ministérios” são a porta da traição para a ordenação de mulheres. O Sacerdócio integralmente masculino é uma ofensa contra o conceito feminista da “igualdade” – conceito derivado do Comunismo e da Maçonaria, e um erro da Rússia, sobre o qual Nossa Senhora de Fátima advertira. A estratégia feminista é introduzir mulheres em vários papéis litúrgicos, para preparar um *ambiente de aceitação* para as sacerdotisas, enquanto as congregações se acostuariam a ver as mulheres ao redor do altar.

O Programa Feminista

Rosemary Ruether, líder feminista e religiosa americana, explica:

“A prática crescente do *ministério partilhado por homens* [isto é, sacerdotes] *e mulheres* desenvolver-se-á ao nível das congregações locais. Leva-se a efeito, para as mulheres e os homens que receberam o sacramento

da Ordem, um determinado processo educativo sobre a injustiça dos impedimentos impostos sobre as suas *colegas*. Os leigos acostumam-se-ão a ver as mulheres oficiando na liturgia numa variedade de papéis auxiliares, e perguntar-se-ão: “-Porque não nos Sacramentos?” Talvez haja discussões... Serão eventualmente consagrados mais Bispos que se interrogarão sobre o absurdo dessa exclusão (com o crescente exemplo, nas outras igrejas, de mulheres com pleno ministério sacramental).”

A Feminista judia Naomi Goldenburg confirma esta estratégia que se serve de mulheres “devotas” que não têm consciência do programa feminista. Diz ela que estas reformistas e os clérigos que as apoiam pensam que o uso de uma linguagem inclusiva e o fomento da ordenação de mulheres são meios para “melhorar a prática da sua religião, por estimular as mulheres a *partilharem as responsabilidades do culto* em igualdade com os homens”, isto é, com os sacerdotes.

Essa expressão, “partilhar as responsabilidades do culto”, veste a revolução contra o Sacerdócio com termos positivos confusos. A Sr.^a Goldenburg admite abertamente que estas alegadas reformas desafiam a natureza fundamental do Cristianismo; não são “pequenas adaptações”, mas “grandes desvios da tradição” que “irão sacudir [o Cristianismo] até às suas raízes.” Por isso, segundo as líderes feministas, *os ministérios leigos são idealizados para destruir os fundamentos da nossa religião; e são um passo em direção às sacerdotisas...*

O facto de se limitar a função do sacerdote apenas a consagraré convertê-lo num “técnico eclesiástico” – afirma o Padre McLucas. E tem razão. Nas paróquias cada vez mais se acredita que os fiéis são donos daquilo a que se chama a “posse comunitária da liturgia.” “Ser dono” da liturgia e ter a seu cargo as obrigações do sacerdote deu lugar à ideia herética, já condenada, de que o sacerdote não obtém a sua autoridade diretamente de Deus, através dos Apóstolos, mas sim da comunidade. Este conceito está ligado à asserção de que “somos um povo eucarístico” ou “somos uma comunidade eucarística”. É simplesmente outra designação para uma paróquia católica protestantizada.

Uma comunidade eucarística define-se como aquela em que “nenhum membro possui, individualmente, uma qualidade ou autoridade que... não deriva da comunidade em si... Cada ministro recebe o seu cargo da comunidade que (ele ou ela) serve.” Noutros termos, o sacerdote é um ministro equivalente aos “ministros” leigos e a condição para se ser um sacerdote é, pura e simplesmente, haver alguém que assim o queira, e “tendo-lhe a comunidade eucarística conferido” esse cargo”.

O facto de ser a comunidade a “conferir o cargo” ao sacerdote está simbolizado pela habitual procissão do sacerdote desde o fundo da Igreja até ao altar antes da Missa “como se ele estivesse de algum modo a vir do meio do povo”, e na sua procissão de regresso ao fundo da Igreja depois da Missa, “como se ele estivesse a voltar para o povo”. Anteriormente, o Padre ficava sempre junto do altar, onde chegava e saía através da sacristia, para significar que tinha sido escolhido por Deus e posto à parte do povo como um ungido do Senhor; e a balaustrada da Comunhão delineava aquela separação.

Este golpe de estado é pintado como se fosse generosidade e uma bênção: esta “*liderança partilhada* entre membros da Igreja ordenados e não-ordenados” é considerada uma “graça” num tempo de “crise” (isto é, num tempo de “escassez de sacerdotes”). A comunidade eucarística acredita que “a *transferência de responsabilidades* para todos os Batizados abençoou a Igreja.” Os pastores que não partilham responsabilidades são ditadores ou “autocratas”.

Tão ousados se tornaram os leigos que uma notícia da página principal do jornal arquidiocesano de Toronto, sobre um recente encontro de movimentos de eclesiais e leigos, alardeava: “-Afastese, Padre, que os Leigos Estão Aqui!”